



UMA ABORGADEM ETNOECOLÓGICA DA PESCA DO PARGO *LUTJANUS PURPUREUS* POEY, 1875 (LUTJANIDAE: PERCIFORME) NO MUNICÍPIO DE BARREIRINHAS, MARANHÃO

Almeida, Z. S. de¹; Nunes, K. B.; Cavalcante, A.N.¹

¹Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Cidade Universitária Paulo VI, CEP 65. 055-970, São Luís, MA.

INTRODUÇÃO

A pesca do pargo teve início por volta do ano de 1962 em bancos oceânicos ao longo dos estados do Rio Grande do Norte e Ceará, expandindo-se posteriormente para a plataforma continental do Nordeste a partir de 1966 (Fontelles-Filho, 1972; Ivo; Hanson, 1982). Desde então, além de sua relevância cultural, as pescarias de pargo representam o sustento de muitas comunidades costeiras onde estes peixes ocorrem (Resende, *et al.* 2003).

Através da pesca artesanal os pescadores exploram o ambiente aquático de forma peculiar e mantêm grande diversidade de interações com o ambiente (Ramires, *et al.* 2007).

Estudos dessas interações dá-se a partir da etnociência, que estuda o conhecimento das populações humanas sobre os processos naturais, tentando descobrir o conhecimento humano acerca do mundo natural, as taxonomias e as classificações populares (Diegues, 1998), e são apontados como ponto de partida para o desenvolvimento de modelos de co-gestão que integrem o conhecimento local ao conhecimento científico tendo em vista a conservação e uso sustentável dos recursos. Dessa forma, o presente trabalho teve como objetivo realizar um estudo etnoecológico com enfoque na pesca de *Lutjanus purpureus* realizada por pescadores do município de Barreirinhas, Maranhão.

MATERIAL E MÉTODOS

Os trabalhos em campo foram realizados no município de Barreirinhas, localizado no Litoral Ocidental maranhense. Foram feitas entrevistas abertas aos pescadores locais (n = 20) abordando aspectos biológicos e ecológicos de *Lutjanus purpureus* (reprodução, alimentação, habitat e taxonomia) e percepção ambiental. O critério para inclusão na amostra foi o tempo de pesca (e² 7 anos) e experiência na pesca do pargo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A descrição do habitat do pargo feita pelos pescadores é diferenciada de acordo com a região e a posição na coluna d'água em que os peixes são capturados. Assim, na distribuição horizontal os pescadores citam as regiões como barrancos, pedregulhos, cascalhos.

Segundo Stride (1992), esta informação é referência aos fundos duros de laje presentes a partir do limite da plataforma continental. Quando querem se referir à distribuição vertical do pargo utilizam, por exemplo, a expressão: "peixe de fundo" em referência a sua condição de espécie demersal (Holanda; Fontelles-Filho, 2002).

Quanto à alimentação, os pescadores demonstraram ter um extenso conhecimento semelhante às informações da literatura científica. Observou-se uma grande variedade de itens alimentares citados para a espécie, dos quais os peixes representam o item com maior frequência de ocorrência, com (78 %) seguido de moluscos (55 %), crustáceos (33 %), poliquetas (22 %) e restos de plantas (22 %). Essa variedade alimentar foi observada por Ivo e Hanson (1982) que relacionam a alta diversidade dos trópicos.

Em relação à reprodução, 90% dos pescadores citam que o pargo realiza desova em diferentes períodos do ano, não sendo confirmada um período exato, enquanto que 10% destes responderam que são encontrados pargos ovados o ano inteiro, o que pode ser observado nos trabalhos sobre reprodução do pargo realizados por Souza, *et al.* (2003), onde afirmam que o pargo é um peixe com desova total e contínua com picos de desova de desova no segundo e quarto trimestre.

Os pescadores estabelecem uma relação de parentesco entre o pargo e as seguintes espécies: ariacó (*Lutjanus synagris*), carapitanga (*Lutjanus apodus*), cioba (*Lutjanus analis*), guaiúba (*Lutjanus chrysurus*) e mariquita (*Etelis oculatus*). Segundo a identificação taxonômica de Menezes e

Figueiredo (1985), esses peixes pertencem à família Lutjanidae e a ordem dos Peciformes, sendo, ainda, agrupados em uma mesma categoria de pesca (Resende *et al.* 2003), o que justifica o agrupamento destes peixes pelos pescadores.

Em relação ao estoque do recurso na região, 90% acham que diminuiu assustadoramente, e atribuem tal fato à pesca predatória da lagosta que utiliza redes fundeadas. Estudos científicos relatam que a partir de 1979 a pescaria de pargo declinou, e em 1982 já mostrava indícios de sobrepesca com diminuição do comprimento médio e participação, nas capturas, da porção não desovante dos estoques explorados pela pesca (Ivo; Hanson, 1982). No município de Barreirinhas, a diminuição da produtividade das pescarias de pargo tem motivado a diminuição dos insumos empregados e deslocando-os para outras pescarias que exigem um menor custo operacional, como é o caso da pesca de garoupa, camarão e tubarão.

CONCLUSÃO

A análise etnoecológica da pesca do pargo permitiu afirmar que os pescadores do município de Barreirinhas possuem um significativo conhecimento sobre a espécie de pargo, mostrando-se, na maioria dos aspectos abordados, combatível ao conhecimento científico disponível para a espécie e da dinâmica do ambiente de pesca. A compreensão desse conhecimento, norteador da atividade pesqueira, é importante da definição de medidas de manejo, além de direcionar novos focos de pesquisa para a espécie.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DIEGUES, A. C. Diversidade biológica e culturas tradicionais litorâneas: o caso das comunidades caiçaras. São Paulo: NUPAUB-USP, 1988, 40p.
- FONTELES-FILHO, A. A. Estudos sobre a biologia do pargo *Lutjanus purpureus* Poey, 1875 no Nordeste Brasileiro-Dados de 1970 e 1971. Arquivos Ciências do Mar. Fortaleza: UFC, 1972, v. 12 nº 1, p. 21-26.
- IVO, C. T. C.; HANSON, A. J. Aspectos da Biologia e dinâmica populacional do pargo, *Lutjanus purpureus* Poey, no Norte e Nordeste do Brasil. Arquivos de Ciências do Mar. Fortaleza: UFC, 1982, v. 22, nº 1 e 2, p. 1 - 41.
- HOLANDA, F. C. A. F.; FONTELES FILHO, A. A. Distribuição espacial do esforço como estratégia de pescada do pargo, *Lutjanus purpureus* Poey, no Norte e Nordeste do Brasil. Boletim Técnico-

Científico do Cepnor. Belém: Cepnor, 2002, v.2, nº 1, p. 147 - 171.

- MENEZES, N. A.; FIGUEIREDO, J. L. Manual de peixes marinhos do sudeste do Brasil. V. Teleostei (4). Museu de zoologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1985. 105p.
- RAMIRES, M.; MOLINA, S. M. G. HANAZAKI, N. Etnoecologia caiçara: o conhecimento dos pescadores artesanais sobre aspectos ecológicos da pesca. Revista Biotemas. São Paulo, v.20 nº 1, p.101-113, 2007.
- RESENDE, S. M.; FERREIRA, B. P.; FREDOU, T. A pesca de lutjanídeos no nordeste do Brasil: histórico das pescarias, características das espécies e relevância para o manejo. Boletim Técnico-Científico do CEPENE. Belém. v.11,n.1, p.257-270, 2003.
- SOUZA, R. F. C.; IVO, C. T. C.; SOUZA, R. A. L. Aspectos da reprodução do pargo, *Lutjanus purpureus* (Poey, 1875), na costa Norte do Brasil. Boletim Técnico-Científico do Cepnor. Belém: Cepnor, 2003, v.3, nº 1, p. 107 - 121.
- STRIDE, R. K. Diagnóstico da pesca artesanal marinha do Estado do Maranhão. Projeto de desenvolvimento da pesca artesanal marinha do Maranhão. São Luís: CORSUP/EDUFMA, 1992. v. 2., 199p.